

## O olhar de Tchekhov

A biografia de um autor, dizem, não interessa ao leitor e muito menos ao crítico. Em tese, está certo. O problema é que, no caso dos escritores russos, é quase impossível controlar uma olhadela indiscreta em suas vidas privadas, tão grande é a coleção de eventos fantásticos que contam. Biografias de Gorki, Dostoievski, Tolstoi e outros são quase tão interessantes quando seus romances, ao contrário de Thomas Mann, Fernando Pessoa ou Guimarães Rosa, bem mais discretos.

A vida de Anton Tchekhov não escapa à regra. Neto de servos, formou-se em medicina com grandes dificuldades e passou a escrever para jornais e revistas em busca de sustento. Com a morte do irmão, resolve passar um ano numa ilha de degredados.



Retorna e compra uma propriedade no interior da Rússia, onde divide o tempo entre a escrita e o exercício da medicina, atendendo gratuitamente a população.

Apesar disso, os contos de Tchekhov, publicados pela 34 (367 páginas, tradução de Boris Schnaiderman) não demonstram qualquer preocupação social. Não no sentido corrente do termo: Tchekhov era um crítico mordaz das relações sociais burguesas, nas quais via um misto nauseante de hipocrisia, mentira e egoísmo. Assim como seu mestre Tolstoi, buscava a educação moral do leitor ao expor a existência mesquinha de seus personagens. Como se vê, ele também se interessava pela vida dos outros. Porém, diferentemente dos fofoqueiros de plantão, seu intuito era

## Um intelectual engajado

O norte-americano Mortimer J. Adler foi um dos maiores exemplos de intelectual engajado que o século XX conheceu. Que ninguém pense, porém, que tomamos esta expressão – intelectual engajado – no sentido que normalmente se lhe dá. O engajamento de Adler nada tem a ver com a doutrinação baseada em discurso simplificado tão característica dos “engajados” que encontramos por aí. Seu propósito – e por isso se engajava – era educar a sociedade com base nos clássicos da cultura ocidental.

Aristóteles para todos (É Realizações, 204 páginas, tradução de Pedro Sette Câmara) é um dos melhores exemplos do esforço de Adler para alcançar este propósito. E a maneira como o próprio autor define o

livro é uma espécie de suma de todo o seu trabalho: “Uma introdução simples a um pensamento complexo”.

Poder-se-ia usar esta mesma frase para definir a generalidade dos livros de Adler, que são, em maioria, tentativas de aproximar o leitor comum das grandes discussões da história do pensamento humano com o rigoroso cuidado de não simplificá-las em demasia. É o que acontece em Aristóteles para todos. A linguagem acessível empregue por Adler, fazendo uso de termos



do dia-a-dia, aproxima o leitor comum de Aristóteles sem que o Estagirita tenha de vergar a coluna até o nosso nível e, se há alguma perda em profundidade de análise, ela não é maior do que na generalidade dos livros de divulgação de qualquer pensador.